



C. L. R. James



OS JACOBINOS NEGROS

Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos

Tradução
Afonso Teixeira Filho

EDITORA
EDITORIAL

SUMÁRIO

Prêâmbulo	11
Prefácio à primeira edição	15
Prólogo	19
I. A propriedade	21
II. Os proprietários	40
III. Parlamento e propriedade	71
IV. As massas de São Domingos começam	91
V. E as massas de Paris terminam	120
VI. A ascensão de Toussaint	143
VII. Os mulatos tentam e fracassam	158
VIII. Os brancos escravizam novamente	166
IX. A expulsão dos britânicos	187
X. Toussaint toma o poder	208
XI. O cônsul de ébano	222
XII. A burguesia se prepara	247
XIII. A guerra da independência	264
Apêndice: De Toussaint l'Ouverture a Fidel Castro	343
Bibliografia	373
Cronologia	379
Índice onomástico e remissivo	383
Biografia do autor	394

PRÉAMBULO



Os jacobinos negros foram publicados pela primeira vez na Inglaterra em 1938, mas eu já havia escrito sobre o mesmo assunto antes de deixar Trinidad em 1932. A ideia me acompanhava havia algum tempo. Estava cansado de ler e de ouvir a respeito da perseguição e da opressão aos africanos na África, na Rota do Meio¹, nos Estados Unidos e em todo o Caribe. Conveni-me da necessidade de escrever um livro no qual assinalaria que os africanos ou os seus descendentes, em vez de serem constantemente o objeto da exploração e da feridade de outros povos, estariam eles mesmos agindo em larga escala e moldando outras gentes de acordo com as suas próprias necessidades. Os livros sobre a revolução no Haiti que eu tinha lido até então não possuíam um sério rigor histórico.

Em 1932, assim que cheguei à Inglaterra, comecei a procurar materiais sobre o assunto, mas acabava encontrando sempre as mesmas trivialidades que tinha lido antes no Caribe. Então, passei a importar da França livros que tratavam seriamente desses eventos tão célebres na história daquele país.

Este livro é dedicado a Harry e Elizabeth Spencer. Harry tocava uma casa de chá e padaria e era um grande amigo. Era também um homem culto com quem eu costumava falar a respeito dos meus planos de escrita. Sempre que um livro chegava da França, e eu encontrava algo de interessante nele, informava-lhe com entusiasmo. Um dia, ele me disse:

— Por que você fala sempre desse livro? Por que não o escreve de uma vez?

Respondi que teria de ir para a França procurar os arquivos e não tinha ainda dinheiro para isso, mas estava juntando. Perguntou-me de quanto dinheiro eu precisava e respondi-lhe que de cem libras, para começar. Ele não levou a discussão adiante, mas alguns dias depois colocou-me noventa libras nas mãos e disse:

— Para a França, e diga se precisar de mais!

¹ A rota dos escravos entre a África e as Antilhas, ou Índias Ocidentais. (N. do T.)

Assim que terminou a temporada de verão (eu era um repórter de *cri-quete*), parti e fiquei seis meses na França, progredindo no assunto com muita rapidez.

Em Paris, conheci o coronel Nemours, um haitiano que havia escrito uma história militar sobre a guerra de independência em São Domingos. Ele ficou muito feliz por encontrar alguém, e alguém do Caribe, interessado na história do Haiti. Explicou tudo para mim, com muitos pormenores, colocando livros e xícaras de café sobre uma mesa grande para mostrar como haviam sido travadas as diferentes campanhas. Desde aquele dia, fiquei convencido de que nenhum comandante militar, ou estrategista, afora o próprio Napoleão, entre os anos de 1793 e 1815, superou Toussaint L'Ouverture e Dessalines.

Durante o período em que estive na Inglaterra, estudei o marxismo e escrevi uma história da Internacional Comunista que compreendia um estudo razoavelmente denso sobre a Revolução Russa. Na França, li com entusiasmo e proveito escritores como Jean Jaurès, Mathieu e, sobretudo, Michélet. Encontrava-me, assim, especialmente preparado para escrever *Os jacobinos negros*, sendo que não era a menos importante das minhas qualificações o fato de ter passado a maior parte da minha vida em uma ilha das Índias Ocidentais não muito diferente do território do Haiti.

Naquela época, eu trabalhava com George Padmore, cuja organização negra tinha a sua sede em Londres. Como será visto de maneira geral, e particularmente nas suas três últimas páginas, o livro foi escrito tendo em mente a África e não o Caribe.

Uma das suas grandes virtudes é o fato de estar solidamente baseado nas grandes transformações sociais que ocorreram no mundo entre 1789 e 1815. Além disso, a minha experiência nas Índias Ocidentais e os meus estudos sobre o marxismo me fizeram compreender o que havia escapado a vários escritores, ou seja: que foram os próprios escravos que fizeram a revolução. Muitos dos seus líderes não sabiam ler nem escrever; e nos arquivos pode-se encontrar relatórios (admiráveis, por sinal) nos quais o responsável decalcava seu nome em tinta sobre um rascunho feito a lápis, preparado para ele.

O ano de 1938 já passou há muito tempo, e esperei muitos mais até que outras pessoas "entrassem em campo" e fossem além de onde eu estava capacitado para ir. Mas nunca fiquei preocupado com o que iriam encontrar, pois estava convencido de que os alicerces das minhas ideias permaneceriam impercíveis. Fouchard, um historiador haitiano, publicou recentemente um trabalho que procurava provar que não foram tanto os escravos, mas os quilombolas, quer dizer, os que fugiram e passaram a viver por sua própria conta nas montanhas

ou nas florestas, aqueles que criaram os fundamentos da nação do Haiti. Até então, eu e as pessoas com as quais estive politicamente associado demos uma ênfase muito grande ao fato de que os escravos, reunidos às centenas nas usinas de açúcar da Planície do Norte, deviam muito do seu sucesso ao fato de terem sido disciplinados, unidos e organizados pelo próprio mecanismo de produção fabril. Um estudante canadense que trabalhava em uma tese sobre as massas negras na revolução haitiana demonstrou que, na área predominantemente rural do sul do Haiti, os escravos, apesar de não estarem disciplinados pela produção capitalista, haviam se reunido em uma montanha à procura de independência e, persuadidos a voltarem para as planícies, argumentavam como qualquer outro trabalhador dos países adiantados de hoje. Queriam três, dois e meio ou, pelo menos, dois dias de descanso. Agora percebemos que no Caribe os escravos, tanto na revolução rural como na urbana, agiram automaticamente, como se estivessem na segunda metade do século XX. Parece óbvio hoje para mim, como o era em 1938, que os estudos subsequentes da revolução na São Domingos francesa revelarão mais e mais a sua afinidade com as revoluções em comunidades mais desenvolvidas.

Permitam-me terminar este preâmbulo com uma das mais marcantes experiências de *Os jacobinos negros*. Durante as comemorações da independência de Gana em 1957, encontrei alguns jovens pan-africanos, vindos da África do Sul, que me disseram que o meu livro havia lhes prestado um grande serviço. Perguntei-lhes como e me explicaram: embora um exemplar se encontrasse na biblioteca da Universidade Negra, na África do Sul, eles não sabiam nada sobre ele, até que um professor branco lhes disse:

— Eu sugiro que vocês leiam *Os jacobinos negros* da biblioteca. Poderão achá-lo útil!

Eles pegaram o livro avidamente, leram e o acharam uma revelação, particularmente naquilo que dizia respeito ao relacionamento entre os negros e os mulatos. Essa descoberta foi muito importante para que entendessem a relação entre o negro sul-africano e os *coloureds*, que são pessoas de raça mista, negra e branca. Datilografaram cópias, mimeografaram-nas e fizeram circular algumas passagens de *Os jacobinos negros* que tratavam da relação entre os negros e os mestiços no Haiti. Eu não pude deixar de pensar que a revolução movimentaria-se por caminhos misteriosos para realizar os seus milagres².

C. L. R. James
Janeiro de 1980

² Citação extraída do 35º dos *Olney Hymns*, de WILLIAM COWPER: «God moves in a mysterious way His wonders to perform». (N. do T.)

mingos. Assim, o padre e o Rei iniciaram, no mundo, o comércio americano de negros e a escravidão.

O assentamento espanhol, fundado por Colombo, ocorreu no sudeste da ilha. Em 1629, alguns aventureiros franceses encontraram um lar na pequena ilha de Tortuga, distante nove quilômetros da costa norte de São Domingos, e a eles seguiram-se os ingleses e os holandeses, vindos de Santa Cruz. Tortuga era saudável e pela floresta da São Domingos ocidental pastavam milhões de cabeças de gado selvagem que poderiam ser caçadas para a alimentação ou pelo couro. Para Tortuga, vieram fugitivos da justiça, escravos que escapavam das galés, devedores incapazes de saldar seus débitos, aventureiros à procura da sorte ou da fortuna rápida, criminosos de todas as espécies e nacionalidades. Franceses, britânicos e espanhóis trucidaram-se por aproximadamente trinta anos. Os ingleses assumiram de fato a posse de Tortuga durante um certo tempo, mas em 1659 os bucaneiros franceses prevaleceram.

Eles buscavam a susserania da França e reclamaram um chefe e algumas mulheres. Partindo de Tortuga, formaram uma base firme em São Domingos e se mudaram para lá. Para expulsar esses persistentes intrusos, os espanhóis organizaram uma grande caçada e mataram todos os bois que conseguiram encontrar para poder arruinar o negócio de gado. Os franceses responderam: primeiro, com o cultivo do cacau; depois, com o do anil e do algodão. Já conheciam a cana-de-açúcar. Devido à falta de capital, invadiram a ilha inglesa da Jamaica e roubaram dinheiro e dois mil negros. Franceses, ingleses e espanhóis invadiam e tornavam a invadir e queimavam tudo. Mas, em 1695, o Tratado de Ryswick² entre França e Espanha deu aos franceses direito legal sobre a parte ocidental da ilha. Em 1734, os colonizadores começaram a cultivar o café. A terra era fértil e a França oferecia um bom mercado. Mas eles tinham falta de mão de obra. Além de negros, trouxeram brancos, os *engagés*, que poderiam ser libertados depois de um período de alguns anos. Tão poucos negros foram trazidos, com a justificativa de serem bárbaros ou pretos, que as primeiras leis prescreviam regulamentos semelhantes tanto para escravos negros como para brancos *engagés*. Mas, sob o regime de trabalho daqueles dias, os brancos não puderam suportar o clima. Assim, os escravagistas passaram a trazer mais e mais negros, em uma quantidade que aumentava em milhares a cada ano, a tal ponto que a África chegou a fornecer milhões.

I A PROPRIEDADE



Os escravagistas agiam predatoriamente nas costas da Guiné e, assim que devastavam uma área, dirigiam-se para o oeste e então para o sul, década após década. Passaram pelo Níger, desceram a costa do Congo, atravessaram Loango e Angola e deram a volta no cabo da Boa Esperança, até chegarem, por volta de 1789, ao distante Moçambique, no lado oriental da África. A Guiné era seu principal território de caça. A partir da costa, organizavam expedições que se aprofundavam pelo interior, onde deixavam os inocentes indígenas lutando uns contra os outros, com armas modernas, por milhares de quilômetros quadrados de território.

A propaganda da época alegava que, por mais cruel que fosse o tráfico, os escravos africanos eram mais felizes na América do que na sua própria civilização africana. A nossa época também é uma época de propaganda. Nós nos sobressaimos aos nossos ancestrais apenas no sistema e na organização; mas eles mentiam com a mesma habilidade e com o mesmo descaramento.

No século XVI, a África Central era um território de paz e as suas civilizações eram felizes¹. Os comerciantes viajavam milhares de quilômetros de um lado ao outro do continente sem serem molestados. As guerras tribais, das quais os piratas europeus afirmavam libertar as pessoas, eram meros simulacros: uma grande batalha significava meia dúzia de homens mortos. Foi sobre um campesinato, em muitos aspectos superior ao dos servos em amplas áreas da Europa, que o comércio de escravos recitou. A vida tribal foi destruída e milhões de africanos sem tribos foram jogados uns contra os outros. A interminável destruição da colheita resultou no canibalismo; as mulheres carivas se tornavam concubinas e degradavam a condição de esposa. As tribos tinham de suprir o comércio de escravos, ou então elas

² Tratado assinado na cidade de Ryswick, na Holanda, de 20/9 a 30/10/1697, que pôs fim à guerra de coalizão dos Habsburgos. (N. do T.)

¹ Ver os trabalhos do prof. EMIL TORDAY, um dos maiores eruditos africanos de sua época; particularmente uma conferência realizada em Genebra, em 1931, para uma sociedade de proteção às crianças na África.

mesmas seriam vendidas como escravas. A violência e a ferocidade tornaram-se as necessidades para a sobrevivência, e foram a violência e a ferocidade que sobreviveram². Os crânios sorridentes na ponta de estacas, os sacrifícios humanos, a venda dos próprios filhos como escravos: esses horrores foram o produto de uma intolerável pressão sobre os povos africanos, que se tornavam mais ferozes, no decorrer dos séculos, à medida que a exigência da indústria aumentava e os métodos de coerção eram aperfeiçoados.

Os escravos eram colhidos no interior, amarrados juntos uns dos outros em colunas, suportando pesadas pedras de 20 ou 25 quilos para evitar as tentativas de fuga; então, marchavam uma longa jornada até o mar, que, algumas vezes, ficava a centenas de quilômetros e, esgotados e doentes, caíam para não mais se erguer na selva africana. Alguns eram levados até a costa em canoas, deitados no fundo dos barcos por dias sem fim, com as mãos acorrentadas, as faces expostas ao sol e à chuva tropical e com as costas na água que nunca era retirada do fundo dos botes. Nos portos de escravos, eles permaneciam amontoados em um cercado para a inspeção dos compradores. Dia e noite, milhares de seres humanos eram apinhados em minúsculas galerias nos “depósitos de putrefação”, onde nenhum europeu conseguiria permanecer por mais de quinze minutos sem desmaiar. Os africanos desmaivavam e se recuperavam ou, então, desmaivavam e morriam; a mortalidade naqueles “depósitos” era maior do que vinte por cento. Do lado de fora, no porto, esperando para esvaziar os “depósitos” assim que eles enchiam, ficava o capitão do navio negreiro, com a consciência tão limpa que um deles, enquanto enriquecia o capitalismo britânico com os lucros de uma outra rennessa, enriquecia também a religião britânica ao compor o hino “Como soa doce o nome de Jesus!”³.

Nos navios, os escravos eram espremidos nos porões uns sobre os outros dentro de galerias. A cada um deles era dado de um metro a um metro e meio apenas de comprimento e de meio metro a um metro de altura, de tal maneira que não podiam nem se deitar de comprido e nem se sentar com a postura reta. Ao contrário das mentiras que foram espalhadas tão insistentemente sobre a docilidade do negro, as revoltas nos portos de embarcação e a bordo eram constantes. Por isso os escravos tinham de ser acorrentados: a mão direita à perna direita, a mão esquerda à perna esquerda, e atrelados em colunas a longas barras de ferro. Nessa posição eles permaneciam durante

a viagem, sendo levados ao tombadilho uma vez por dia para se exercitar e

para permitir que os marinheiros “limpassem os baldes”. Mas, quando a carga era rebelde ou o tempo estava ruim, eles permaneciam no porão por semanas. A proximidade de tantos corpos humanos nus com a pele machucada e supurada, o ar fétido, a disenteria generalizada e a acumulação de imundícies tornavam esses buracos um verdadeiro inferno. Durante as tempestades, os alcapões eram pregados com tábuas e naquela fechada e repugnante escuridão eles eram arremessados de um lado a outro pelo balanço do navio, mantidos na mesma posição pelas correntes nas suas carnes sangrentas. Nenhum lugar na Terra, observou um escritor da época, concentrou tanta miséria quanto o porão do navio negreiro. Duas vezes por dia, às nove e às quatro horas, eles recebiam a comida. Para os traficantes de escravos, eram artigos de comércio e nada mais. Um capitão, que havia sido apanhado pela calmaria, ou por ventos adversos, ficou conhecido por ter envenenado a sua carga⁴. Um outro matou uma parte de seus escravos para alimentar com a carne deles a outra parte. Morriam não apenas por causa do tratamento, mas também de mágoa, de raiva e de desespero. Faziam longas greves de fome; desatavam as suas cadeias e se atiravam sobre a tripulação numa tentativa inútil de revolta. O que poderiam fazer esses homens de remotas tribos do interior, no mar aberto, dentro de um barco tão complexo? Para avivar-lhes os ânimos, tornou-se costume levá-los ao tombadilho uma vez por dia e obrigá-los a dançar⁵. Alguns aproveitavam a oportunidade para pular ao mar gritando em triunfo enquanto se afastavam do navio e desapareciam sob a superfície.

Por medo da carga, uma crueldade selvagem se desenvolvia na tripulação. Um capitão, para inspirar terror nos escravos, matou um deles e repartiu seu coração, seu fígado e suas entranhas em trezentas partes, obrigando os outros escravos a comê-las, ameaçando aqueles que não o fizessem com o mesmo suplício⁶.

⁴ Ver PIERRE DE VAISSIÈRE, *Saint-Domingue* (1629-1789), Paris, 1909. Este contém um resumo admirável.

⁵ Ver o poema “O navio negreiro”, de CASTRO ALVES: “Era um sonho danresco... O tombadilho \ Que das luzernas avermelha o brilho, \ Em sangue a se banhar. \ Tiri de ferros... estalar do açoite... \ Legiões de homens negros como a noite, \ Horrendos a dançar... (...) Presa nos elos de uma só cadeia, \ A multidão faminta cambaleia, \ E chora e dança ali! (...) No entanto o capitão (...) \ Diz do fumo entre os densos nevoeiros: \ “Vibrar riço o chicote, marinheiros! \ Fazei-os mais dançar!...” (N. do T.)

⁶ DE VAISSIÈRE, *Saint-Domingue*, p. 162.

² Ver a conferência do prof. TORDAY mencionada acima.

³ JOHN NEWTON (1725-1807), *Olney Hymns 1779*, “How sweet the name of Jesus sounds” (N. do T.)

Esses sucessos não eram raros. Devido às circunstâncias, tais acontecimentos eram, e são, inevitáveis. Tampouco o sistema poupava os traficantes de escravos. Todos os anos, um quinto daqueles que tomavam parte no tráfico africano morria.

Toda a América e as Índias Ocidentais compravam escravos. Quando o navio alcançava o porto, a carga era levada para as docas para ser vendida. Os compradores examinavam-na à procura de defeitos: olhavam os dentes, beliscavam a pele e, ocasionalmente, provavam o suor para ver se o sangue do escravo era puro e se a sua saúde era tão boa quanto a sua aparência. Algumas mulheres, fingindo curiosidade, examinavam os escravos de tal maneira que, se usassem da mesma liberdade com um cavalo, seriam escoiceadas por vinte metros ao longo das docas. Mas os escravos tinham de suportar. Então, para recuperar a dignidade que pudesse ter perdido após realizar um exame tão íntimo, a compradora cuspiu na face do escravo. Tendo-se tornado propriedade de seu dono, ele era marcado em ambos os lados do peito com um ferro em brasa. As suas tarefas eram-lhe explicadas por um intérprete e um padre o instruíam nos primeiros princípios do cristianismo⁷.

O forasteiro em São Domingos era acordado pelo estralo do chicote, pelos gritos sufocados e gemidos profundos dos pretos que viam o sol surgir apenas para amaldiçoá-lo por mais um dia de trabalho e de sofrimento. As suas tarefas começavam ao raiar do dia; às oito horas, eles paravam para um rápido desjejum e trabalhavam de novo até o meio-dia. Retornavam às duas horas e seguiam até tarde, algumas vezes até as dez ou onze horas da noite. Um viajante suíço⁸ deixou-nos uma famosa descrição das turmas de escravos no trabalho: “Eram aproximadamente cem homens e mulheres de diferentes idades, todos ocupados em escavar valas em uma plantação de cana; a maioria deles estava nua ou coberta apenas por trapos. O sol brilhava com toda a força sobre suas cabeças; o suor rolava de todas as partes dos seus corpos; seus membros, dobrados pelo calor, fatigados pelo peso das picaretas e pela resistência do solo argiloso cozido sob o sol tropical, duro o bastante para quebrar as ferramentas, faziam um esforço excessivo para vencer qualquer obstáculo. Um silêncio lúgubre reinava. A exaustão estava estampada em cada face, e a hora do descanso não havia chegado ainda.

O olho sem piedade do encarregado de patrulhar o grupo de escravos e os capatazes armados de longos chicotes moviam-se periodicamente entre eles dando vergastadas correntes naqueles que, esgotados pela fadiga, eram obrigados a descansar: homens ou mulheres, crianças ou velhos”. Esse não era um quadro isolado: as culturas de açúcar demandavam um trabalho árduo e contínuo. A terra tropical é cozida e endurecida pelo sol. Em volta de toda a carreira de terra destinada para a cana era necessário cavar uma larga vala para assegurar a circulação de ar. Os brotos de cana exigiam cuidados nos primeiros três ou quatro meses e atingiam a maturidade entre quatorze e dezoito meses. A cana podia ser plantada e crescia em qualquer época do ano, e a primeira colheita era o sinal para a imediata escavação das valas e para um novo plantio. Uma vez cortadas, eram levadas imediatamente para o moinho para evitar que o seu suco se tornasse ácido pela fermentação. A extração desse suco e a manufatura do açúcar bruto continuavam durante três semanas em um mês, de dezesseis a dezoito horas por dia, e eram realizadas durante sete ou oito meses por ano.

Colocados para trabalhar como animais, os escravos eram alojados também como animais em cabanas construídas ao redor de uma praça, com provisões e frutas. O tamanho dessas cabanas variava de sete a oito metros, com aproximadamente quatro metros de largura por cinco de comprimento, divididas em dois ou três cômodos, separados por precárias divisórias. Não havia janelas e a luz entrava apenas pela porta. O chão era de terra batida; a cama, de palha, de peles ou apenas uma tosca rede estendida entre dois postes. Nelas, dormiam indiscriminadamente a mãe, o pai e as crianças. Indefesos contra os seus senhores, eles enfrentavam o trabalho excessivo, que tinha como complemento habitual uma alimentação fraca. O Código Negro, uma tentativa de Luís XIV para assegurar aos escravos um tratamento humano, estabelecia que deveriam ser-lhes dados, todas as semanas, dois potes e meio de mandioca, três de farinha, um quilo de carne salgada ou um quilo e meio de peixe conservado em sal, que era aproximadamente o que um homem saudável precisava para três dias. Em vez disso, os seus senhores lhes davam três litros de uma farinha grossa, arroz, ou ervilhas e meia dúzia de arengues. Esgotados pelas suas tarefas que duravam o dia todo e iam até altas horas da noite, muitos não se animavam a cozinhar e acabavam por comer a comida crua. A ração era tão pequena e dada tão irregularmente que, com frequência, na última metade da semana não comiam nada.

Mesmo as duas horas que lhes eram dadas na metade do dia, os domingos e os feriados não serviam para o descanso, mas para que cultivassem uma pe-

⁷ Esse era o começo e o fim de sua educação.

⁸ GIROD-CHANTRAN, *Voyage d'un suisse en différentes colonies*, 1785, p. 137.

quena porção de terra para complementar a sua ração incerta. Os escravos que trabalhavam duro cultivavam vegetais e criavam galinhas para vender nas cidades; conseguindo algum dinheiro para comprar rum e tabaco; aqui e acolá, um Napoleão das finanças, fosse por sorte ou por talento, poderia levantar o bastante para comprar a própria liberdade. Seus senhores os enco-rajavam nessa prática de cultivo, pois nos anos de escassez os negros morriam aos milhares, as epidemias estouravam, os escravos fugiam para a floresta e as plantações eram arruinadas.

A dificuldade consistia no fato de que, embora fossem apanhados como animais, transportados em cercados, atrelados para trabalhar ao lado de um cavalo ou de um burro sendo ambos feridos pelo mesmo chicote, colocados em estábulos e deixados para morrer de fome, eles permaneciam, apesar de suas peles negras e dos seus cabelos encardidos, quase irrecognivelmente seres humanos; com a inteligência e os rancores dos seres humanos. Para amedrontá-los e torná-los dóceis era necessário um regime de calculada brutalidade e de terrorismo, e é isso o que explica o extraordinário espetáculo de proprietários despreocupados em preservar as suas propriedades: tinham antes de cuidar da própria segurança.

Pela menor falta, os escravos recebiam a mais dura punição. Em 1685, o Código Negro autorizava o chicote, e em 1702 um colonista, um marquês, acreditava que qualquer punição que demandasse mais de cem chibatadas era o suficiente para ser levada às autoridades. Depois, o número foi fixado em 39, subindo mais tarde para cinquenta. Mas os senhores não prestavam atenção a essas regras e os escravos eram, não muito raramente, açoitados até a morte. O flagelo não era uma simples cana ou uma corda tecida, como determinava o Código: Algumas vezes, era substituída pelo *rigoise* ou correia grossa de couro de vaca, ou então pelas *lianes*, que eram juncos que cresciam no local, flexíveis e maleáveis como barbatanas de baleia. Os escravos recebiam o chicote com mais regularidade e certeza do que recebiam a comida. Era o incentivo para o trabalho e o zelador da disciplina. Mas não havia engenho que o medo ou uma imaginação depravada não pudesse conceber para romper o ânimo dos escravos e satisfazer a luxúria e o ressentimento de seus proprietários e guardiães: ferros nas mãos e nos pés; blocos de madeira, que os escravos tinham de arrastar por onde quer que fossem; a máscara de folha de lata, projetada para evitar que eles comessem a cana-de-açúcar, e o colar de ferro. O açoite era interrompido para esfregar um pedaço de madeira em brasa no traseiro da vítima; sal, pimenta, cidra,

carvão, alóé e cinzas quentes eram deitadas nas feridas abertas. As mutilações eram comuns: membros, orelhas e, algumas vezes, as partes pudendas para despojá-los dos prazeres aos quais eles poderiam se entregar sem custo. Seus senhores derramavam cera quente em seus braços, mãos e ombros; despejavam o caldo fervente da cana nas suas cabeças; queimavam-nos vivos; assavam-nos em fogo brando; enchiam-nos de pólvora e os explodiam com uma mecha; enterravam-nos até o pescoço e lambuzavam as suas cabeças com açúcar para que as moscas as devorassem; amarravam-nos nas proximidades de ninhos de formigas ou de vespas; faziam-nos comer os próprios excrementos, beber a própria urina e lamber a saliva dos outros escravos. Um senhor ficou conhecido por, em momentos de raiva, lançar-se sobre os seus escravos e cravar os dentes em suas carnes.⁹

Essas torturas, tão bem comprovadas, eram habituais ou meros incidentes isolados, extravagâncias de uns poucos colonistas meio malucos? Embora seja impossível verificar as centenas de casos, as evidências mostram que essas práticas bestiais eram características normais da vida do escravo. A tortura com o chicote, por exemplo, tinha “milhares de requintes”, mas havia variedades tão comuns que recebiam nomes especiais. Quando as mãos e os braços eram amarrados a quatro postes fincados no chão, dizia-se que o escravo estava submetido aos “quatro postes”; se o escravo ficava amarrado a uma escada, era a “tortura da escada”; se suspenso pelos quatro membros, era a “rede de dormir” etc. A mulher grávida não era tampouco poupada aos “quatro postes”; um buraco era cavado na terra para acomodar a criança ainda não nascida. A tortura da argola estava especialmente reservada para as mulheres suspeitas de aborto, e nunca era retirada de seus peçoços até que parissem a criança. Explodir um escravo tinha uma expressão: “queimar um pouco de pólvora no rabo de um preto”. Obviamente, não se tratava apenas de uma perversão, mas de uma prática estabelecida.

Após um exame exaustivo, o melhor que De Vaisière pôde dizer foi que havia bons e maus senhores e a sua impressão, “mas apenas uma impressão”, era a de que aqueles eram mais numerosos do que estes.

Há, e sempre haverá, os que, envergonhados do comportamento de seus antepassados, tentam, e tentarão, provar que a escravidão não era assim tão

⁹ *Saint-Domingue*, p. 153-94. DE VAISSIÈRE utiliza-se principalmente de relatos oficiais dos arquivos da França Colonial, além de outros documentos do período, fornecendo a referência específica em cada caso.

ruim, apesar de tudo; que seus males e suas crueldades residiam no exagero de propagandistas e não na sorte habitual dos escravos. Homens dirão (e aceitarão) qualquer coisa para fomentar o orgulho nacional ou aliviar uma consciência pesada. Sem dúvida, havia outros senhores que não praticavam tais requintes de crueldade e cujos escravos sofriam apenas pelo excesso de trabalho, de desnutrição e por causa do chicote. Entretanto, os escravos em São Domingos não podiam repor o próprio número pela reprodução. Após aquela terrível viagem pelo oceano, era comum que as mulheres ficassem estéreis durante dois anos. A vida em São Domingos matava-as com rapidez. Os colonistas deliberadamente faziam-nas trabalhar até a morte, sem esperar as crianças crescerem. Mas os apologistas profissionais eram auxiliados pelos escritos de uns poucos observadores da época que descreviam cenas de beleza idílica. Um deles foi Vaublanc, a quem deveremos encontrar de novo, e cujos testemunhos entenderemos melhor quando soubermos mais sobre ele. Em suas memórias¹⁰ ele nos mostra uma plantação na qual não existiam prisões, nem masmorras e tampouco punições a serem mencionadas. Se o escravo estava nu, devido ao clima, isso não constituía um mal, e aqueles que se queixavam esqueciam-se dos trapos bastantes nojentos que eram vistos com tanta frequência na França. Os escravos estavam livres dos trabalhos insalubres, fatigantes e perigosos como aqueles realizados pelos trabalhadores na Europa. Eles não tinham de descer nas entranhas da terra, nem de cavar poços profundos; não construíam galerias subterrâneas; não trabalhavam naquelas fábricas onde os trabalhadores franceses respiravam um ar mortífero e infectado; não subiam em telhados altos e nem carregavam fardos enormes. Os escravos, ele concluiu, tinham um trabalho leve para fazer e estavam contentes em fazê-lo. Vaublanc, que em São Domingos mostrava-se tão compadecido dos sofrimentos dos trabalhadores na França, teve de fugir às pressas de Paris, em agosto de 1792, para escapar à ira dos operários franceses.

Malouet, que era funcionário nas colônias e o colega reacionário de Vaublanc, contrário a qualquer mudança nas colônias, também procurava dar uma ideia dos privilégios da escravidão. A primeira coisa que notou foi que o escravo, ao atingir a maioridade, começava a destruir “dos prazeres do amor”, e seu senhor não tinha interesse em evitar que ele se apegasse a esses gostos¹¹. A defesa da propriedade pode levar até mesmo um homem

inteligente, conhecido em sua época por ter compaixão dos negros, a tais loucuras atrevidas.

A maioria dos escravos se acostumava a essa incessante brutalidade devido a um profundo fatalismo e a uma estupefação brutal diante de seus senhores.

— Por que tu maltratas tua mula desse jeito? perguntou um colonista a um carreiro.

— Se eu não trabalho, eu apanho; se ela não trabalha, eu bato nela. Ela é meu negro!

Um velho negro, que teve a orelha decepada e estava condenado a ter a outra decepada também, implorou ao Governador para poupá-lo, pois se ela fosse cortada ele não teria onde colocar o seu toco de cigarro. Um escravo, mandado por seu senhor ao jardim do vizinho para roubar, foi apanhado e levado de volta ao homem que apenas alguns minutos antes o enviara àquela missão. O seu senhor ordenou que lhe fossem dadas cem chibatadas, às quais o escravo submeteu-se sem sequer murmurar. Quando apanhados em delito eles persistiam em negar com a mesma estupefação fatalista. Um escravo foi acusado de roubar uma pomba. Negou. A pomba foi descoberta escondida sob a sua camisa.

— Que pombinha espertal! Pegou minha camisa para fazer um ninho!

Apalpando a camisa de outro escravo, um senhor pôde sentir as batatas que aquele negara ter roubado.

— Não são batatas, dizia, são pedras!

Quando foi despidido, as batatas caíram no chão.

— Ei, amo, o diabo é malandro. Eu coloquei pedras e, olhe, o senhor encontrou batatas!

Durante os feriados, quando não estavam trabalhando em suas hortas particulares, ou dançando, sentavam-se por horas a fio em frente às suas chocas sem aparentar sinais de vida. Esposas e maridos, crianças e pais, eram separados de acordo com a vontade do senhor; e um pai e um filho, que se encontraram depois de muitos anos, não se saudaram e nem sequer demonstraram algum sinal de emoção. Muitos escravos nem mesmo se mexiam, a não ser que fossem vergastados¹². O suicídio era um hábito comum, e era tal o desprezo que tinham

¹⁰ Citadas exaustivamente por DE VAISSIÈRE, p. 198-202.

¹¹ DE VAISSIÈRE, p. 196.

¹² Embora possa parecer incrível, o barão de Wimpfen dá esses fatos como testemunhados pelos seus próprios olhos. Seus registros da visita a São Domingos, em 1790, é um trabalho

pela existência que, muitas vezes, os escravos tiravam a própria vida não por motivos pessoais, mas apenas para irritar os seus donos. Viver era duro e a morte, acreditavam, significava não apenas a libertação mas a volta à África. Aqueles que queriam acreditar e vencer o mundo de que os escravos eram brutos e semi-humanos, condizentes apenas com a escravidão, podiam encontrar amplas evidências para essa crença, sobretudo nessa sua mania homicida.

Envenenamento era o seu método. Uma amante envenenaria a sua rival para conservar o valioso afeto de seu senhor inconstante. Uma amante rejeitada poderia envenenar o seu senhor, bem como a esposa, os filhos e os escravos dele. Um escravo, privado de sua esposa por um de seus senhores, poderia envenená-lo, e esse era um dos motivos mais frequentes para o envenenamento¹³. Se um colonista alimentasse uma paixão por uma jovem escrava, a mãe desta poderia envenenar a esposa dele, com a intenção de colocar sua filha no comando das tarefas domésticas. Os escravos envenenariam as crianças mais novas dos senhores para assegurar que a herança da propriedade recaísse em apenas um filho. Por esse meio, eles evitavam que a plantação fosse dividida em várias propriedades dispersando o seu grupo. Em certas fazendas, os escravos dizimavam a sua própria população por envenenamento com a finalidade de mantê-la pequena e evitar que os seus senhores os colocassem em projetos mais amplos que poderiam aumentar o trabalho. Por essa razão, um escravo envenenaria a própria esposa; outro, as próprias crianças. Uma enfermeira negra declarou no tribunal que durante anos vinha envenenando todas as crianças que ela ajudava a trazer ao mundo. Enfermeiras empregadas em hospitais envenenavam soldados doentes para se livrar da tarefa desagradável de assisti-los. Os escravos poderiam mesmo envenenar a propriedade de um senhor querido. Se ele estivesse indo embora, envenenavam as vacas, os cavalos e as mulas; assim, as plantações eram deixadas em desordem e o senhor amado era obrigado a permanecer. O mais terrível de todos esses assassinatos a sangue-frio era, porém, a “doença da mandíbula”, uma doença que atacava apenas as crianças nos primeiros dias de suas vidas. As suas mandíbulas ficavam de tal maneira fechadas que era impossível abri-las para que a criança pudesse ingerir alguma coisa, e

clássico. Uma boa seleção, com várias notas completas, foi publicada com o título *Saint-Domingue à la veille de la Révolution*, por Albert Savine, Paris, 1911.

¹³ Ver *Kenya* do dr. NORMAN LEYS, Londres, 1926, p. 184: “Alguma rivalidade em relação a uma mulher nativa seria a provável explicação para muitos dos crimes de violência cometidos pelos africanos contra os europeus no Quênia”.

em consequência disso acabavam morrendo de fome. Não era uma doença natural e nunca atacava crianças de mulheres brancas. Apenas as partearas negras poderiam causá-la, e acredita-se que elas realizavam uma pequena operação nos recém-nascidos que resultava na “doença da mandíbula”. Quer que fosse o método, essa doença causava a morte de aproximadamente um terço das crianças nascidas nas fazendas.

Qual era o nível intelectual desses escravos? Os colonistas, que os odiavam, chamavam-nos de todos os nomes infames que pudessem imaginar. “Os negros”, diz um relato publicado em 1789, “eram injustos, cruéis, bárbaros, semi-humanos, traídores, ladrões, bebedores, arrogantes, preguiçosos, sujeitos, sem-vergonhas, furiosamente ciumentos e covardes”. Era devido a sentimentos como esses que eles procuravam justificar as crueldades abomináveis que praticavam. E tomavam muito cuidado para que o negro permanecesse a fera bruta que eles queriam que fosse. “A segurança dos brancos exigia que mantivéssemos os negros na mais profunda ignorância. Cheguei ao ponto de acreditar firmemente que os negros deveriam ser tratados como animais.” Essa era a opinião do Governador de Martinica, expressa em uma carta ao ministro, e essa era também a opinião de todos os colonistas. Com exceção dos judeus, que não poupavam energias para converter os seus escravos em israelitas, a maioria dos colonistas mantinha religiosamente qualquer instrução, fosse ela religiosa ou não, longe dos escravos.

Naturalmente, havia todo tipo de homem entre eles, desde antigos chefes tribais, como era o caso do pai de Toussaint L’Ouverture, até homens que tinham sido escravos em seus próprios países. O crioulo era mais dócil do que o escravo nascido na África. Alguns diziam que era mais inteligente. Outros duvidavam que houvesse muitas diferenças, ainda que o escravo crioulo conhecesse a língua e estivesse mais familiarizado com o ambiente e com o trabalho. Contudo, aqueles que se deram ao trabalho de observá-los longe de seus senhores e no convívio entre si não deixaram de ver a extraordinária agilidade intelectual e a vivacidade espiritual que tanto distingue seus descendentes nas Índias Ocidentais de hoje. O padre Du Tertre, que os conhecia bem, observou o orgulho secreto e o sentimento de superioridade que tinham em relação aos seus senhores; a diferença entre o comportamento que assumiam diante dos seus senhores e aquele que tinham longe deles. De Wimpffen, observador excepcional e destro viajante, ficou também admirado com essa dupla personalidade dos escravos: “É preciso ouvir com que calor e com que verbosidade, combinados com uma grande precisão de ideias e

acuidade de julgamento, essa criatura, pesada e taciturna durante todo o dia, agora agachada perto da fogueira, contra histórias, conversa, gestícula, argumenta, opina, aprova e condena tanto o seu senhor como qualquer um à sua volta”. Era essa inteligência que se recusava a ser esmagada, essas possibilidades latentes, que assustava os colonistas, como continua a assustar os brancos na África de hoje. “Nenhuma espécie de homem possui mais inteligência”, escreveu Hilliard d’Auberteuil, um colonista, em 1784, e o seu livro foi proibido.

Mas não é preciso nem educação, nem coragem para nutrir um sonho de liberdade. Nas suas cerimônias de vodú, seu culto africano, à meia-noite, eles dançavam e cantavam geralmente esta canção predileta:

Ê! Ê! Bombal! Heul! Heul!

Canga, bafo tè!

Canga, mouné de lé!

Canga, do ki la!

Canga, li!

“Juramos destruir os brancos e tudo o que possuem; que morramos se falharmos nesta promessa!”

Os colonistas conheciam essa canção e tentaram eliminá-la, bem como o culto do vodú com o qual ela estava associada. Foi inútil. Por mais de duzentos anos, os escravos cantaram-na em suas reuniões, da mesma maneira que os judeus cantavam na Babilônia as saudades de Sião¹⁴, e como hoje os bantos cantam em segredo o hino nacional da África¹⁵.

Nem todos os escravos, entretanto, submetiam-se a esse regime. Havia uma pequena casta privilegiada: capatazes das turmas, cocheiros, cozinheiros,

¹⁴ Salmo 136 (137) da Bíblia: «Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos e pusemos a chorar, lembrando-nos de Sião» (Tradução do pe. FIGUEIREDO.) Um dos temas mais recorrentes da literatura, vem-lo no poema “Super Flumina Babylonis”, do inglês A. C. SWINBURNE: “By the waters of Babylon we sat down and wept, / Remembering thee, / That for ages of agony hast endured, and slept, / And wouldst not see, e no fabuloso “Babel e Sião”, de CAMÕES: «Sóbolos rios que vão / Por Babilônia, me achei, / Onde sentado chorei / as lembranças de Sião». Aparece também na ópera *Nabucco*, de G. VERDI, no coro *Va pensiero* e também em um poema de BYRON: (N. do T.)

¹⁵ Tais observações, escritas em 1938, pretendiam usar a revolução de São Domingos como um prenúncio para o futuro colonial da África.

criados, arrumadeiras, enfermeiras, companhias femininas e outros criados domésticos. Esses retribuía o tratamento gentil que recebiam e a vida com-parativamente fácil com um forte apego aos seus senhores, o que permitiu que historiadores *toyin*¹⁶, distintos professores e sentimentalistas representassem a escravidão nas fazendas como uma relação patriarcal entre senhores e escravos. Impregnados dos vícios de seus senhores e senhoras, esses serventes de altos postos davam-se ares de arrogância e desprezavam os escravos do eito. Vestidos com roupas de seda com bordados, enfeitadas pelos seus senhores, davam bailes nos quais, como macacos amestrados, dançavam minutos e quadrilhas e faziam medidas e reverências ao modo de Versalhes. Mas um pequeno número deles aproveitava essa posição para se educar, adquirir um pouco de cultura e aprender tudo o que pudesse. Os líderes das revoluções foram geralmente aqueles que tiveram a capacidade de lutar com o benefício da cultura do sistema que combatiam, e a revolução de São Domingos não foi uma exceção a essa regra.

Christophe, mais tarde Imperador do Haiti, era um escravo que trabalhava como servente em um hotel público em Cabo François e, nessa função, aproveitou para adquirir conhecimentos sobre as pessoas e sobre o mundo. Toussaint L’Ouverture¹⁷ também pertenceu a essa pequena casta privilegiada. Seu pai, filho de um pequeno chefe na África, depois de aprisionado na guerra, foi vendido como escravo e fez a viagem em um navio negroiro. Foi comprado por um colonista com uma certa sensibilidade que, reconhecendo que esse negro era uma pessoa fora do comum, permitiu-lhe gozar de um pouco de liberdade na fazenda e deu-lhe cinco escravos para cultivar uma horta. Tornou-se católico, casando-se com uma mulher que, além de bonita, também era uma boa pessoa, e Toussaint seria o mais velho entre os oito filhos do casal. Perto da casa-grande, vivia um velho negro chamado Pierre Baptiste, notável pela sua integridade de caráter e dotado de algum conhecimento. Os negros lavavam um baixo francês conhecido por *crôle*. Mas Pierre sabia francês, um pouco de latim e também um pouco de geometria, que tinha aprendido com um missionário. Pierre Baptiste tornou-se padrinho de Toussaint e ensinou ao afilhado os rudimentos do francês. Utilizando-se dos serviços da Igreja católica, instruiu-o nos rudimentos do latim. Toussaint aprendeu também a desenhar. O jovem escravo cuidava

¹⁶ Os conservadores, que se sentavam à direita no Parlamento inglês. (N. do T.)

¹⁷ Quando escravo, era chamado de Toussaint Bréda.

dos rebanhos e das manadas, e essa foi a sua primeira ocupação. Seu pai, porém, como muitos outros africanos, tinha um certo conhecimento sobre plantas medicinais e ensinou a Toussaint o que sabia. Os elementos de uma educação, seu conhecimento sobre ervas e sua inteligência fora do comum fizeram com que ele se destacasse e se tornasse cocheiro de seu senhor. Isso proporcionou-lhe meios adicionais de conforto e para poder educar-se a si mesmo. Por fim, foi designado administrador de todos os bens vivos da fazenda, o que era um cargo de responsabilidade, normalmente ocupado por um branco. Se a genialidade de Toussaint veio de onde vêm os gênios, por outro lado várias circunstâncias contribuíram para que ele tivesse pais excepcionais, amigos e um senhor gentil.

Mas o número de escravos que ocupavam posições com tais oportunidades era infinitamente pequeno em comparação às centenas de milhares que suportavam nas suas costas arqueadas toda a estrutura social de São Domingos. Nem todos submetiam-se a isso. Aqueles cuja audácia de espírito via a escravidão como uma coisa intolerável e se recusavam a deixá-la pelo caminho do suicídio acabavam fugindo para as montanhas e florestas, onde formavam bandos de homens livres, os quilombolas. Fortificavam seus refúgios com paliçadas e valas. As mulheres os seguiam. Eles se reproduziam. E durante os cem anos que antecederam 1789 os quilombolas representaram uma fonte de perigos para a colônia. Em 1720, mil escravos fugiram para as montanhas; em 1751, havia pelo menos três mil deles. Normalmente formavam bandos separados, mas periodicamente encontravam um chefe que era forte o suficiente para unir os diferentes agrupamentos. Muitos desses líderes rebeldes inspiravam terror no coração dos colonistas devido às suas incursões nas fazendas e à força e determinação da resistência organizada por eles contra as tentativas de exterminá-los. O maior desses chefes foi Mackandal¹⁸.

Mackandal concebeu o audacioso plano de unir os negros e expulsar os brancos da colônia. Era um negro vindo da Guiné, que tinha sido escravo no distrito de Limbé, o qual mais tarde se tornaria um dos grandes centros da revolução. Mackandal era um orador, na opinião de um branco contemporâneo, e com a mesma eloquência dos oradores europeus daqueles dias,

diferente apenas na força e no vigor, em que lhes era superior. Destemido, embora maneta devido a um acidente, tinha uma fortaleza de espírito que sabia preservar mesmo em meio à mais cruel das torturas. Ele dizia poder prever o futuro; como Maomé, teve revelações; convenceu seus seguidores de que era imortal e exercia sobre eles um tal domínio que consideravam uma honra servi-lo de joelhos. As mulheres mais formosas brigavam pelo privilégio de serem admitidas em seu leito. O seu bando não saía apenas para pilhar fazendas por toda a parte, mas o próprio chefe percorria essas fazendas para converter escravos para o seu bando, estimular seus seguidores e aperfeiçoar o seu grande plano de destruição da civilização branca de São Domingos. Uma massa sem instrução, percebendo a possibilidade da revolução, começa normalmente pelo terrorismo, e Mackandal visava libertar seu povo por meio do envenenamento. Durante seis anos, construiu sua organização, e ele e seus seguidores envenenavam não apenas brancos mas membros desobedientes do próprio bando. Então, planejou que em determinado dia a água de todas as casas na capital da província seria envenenada, e os brancos seriam atacados durante as suas convulsões e angústias de morte. Possuía listas com todos os membros de seu partido em cada um dos bandos de escravos; designou capitães, tenentes e outros oficiais; dispôs que os bandos de negros deveriam deixar a vila e se espalhar pela planície para massacrar os brancos. A sua temeridade foi a causa da sua queda. Um dia, ele foi até uma fazenda, embebedou-se e foi traído. Capturado, foi queimado vivo.

A revolta de Mackandal não se realizou e foi o único indício de uma tentativa de revolta organizada durante os cem anos que precederam a Revolução Francesa. Os escravos pareciam eternamente resignados, embora de vez em quando um escravo fosse alforriado ou comprasse a própria liberdade de seu dono. Dos seus senhores não partia nenhuma conversa sobre uma futura emancipação. Os colonistas de São Domingos diziam que a escravidão era necessária, e para eles o assunto estava encerrado. A legislação sobre a proteção dos escravos existia apenas no papel, devido à regra que reza que um homem pode fazer o que quiser com a sua propriedade. “Todas as leis a favor dos negros, por mais humanas e justas que possam parecer, significarão sempre uma violação dos direitos de propriedade se não forem patrocinadas pelos colonistas (...). Todas as leis sobre propriedade são justas apenas se apoiadas pela opinião daqueles que estão interessados nelas como proprietários.” Essa era ainda a opinião dos brancos no começo da Revolução Francesa. Não apenas os fazendeiros mas as autoridades deixaram bem claro que, quaisquer que fossem as penas para os maus-tratados aos escravos,

¹⁸ Mackandal faz parte do romance do cubano ALFEO CARPENTIER *El reino de este mundo*, cujo cenário é, principalmente, o Haiti da época da revolução. (N. do T.)

elas nunca seriam aplicadas. Os escravos poderiam entender que tinham direitos, o que seria fatal para a paz e para o bem da colônia. Eis por que um colonista nunca hesitava em mutilar ou em matar um escravo que lhe tinha custado milhares de francos. “A Costa do Marfim é uma boa mãe”, dizia um provérbio colonial. Os escravos poderiam ser sempre comprados e os lucros seriam sempre altos.

O Código Negro foi promulgado em 1685. Um século depois, em 1788, o caso Le Jeune¹⁹ expôs as verdades da lei do escravo e da justiça do escravo em São Domingos.

Le Jeune era um plantador de café de Plaisance. Suspeitando que a mortalidade entre os seus negros era devida ao envenenamento, matou quatro deles e tentou extrair confissões de duas mulheres sob tortura. Queimou seus pés, pernas e cotovelos, enquanto as mantinha bem amordaçadas, e então retirava, nos intervalos da tortura, a mordaca na expectativa de que confessassem. Ele não obteve nada e ameaçou todos aqueles escravos que entendiam o francês de que iria matá-los sem piedade se eles se atrevessem a denunciá-lo. Mas Plaisance, na densamente povoada Província do Norte, sempre foi o centro dos escravos mais avançados, e quatorze deles foram até Le Cap e denunciaram Le Jeune à Justiça. Os juízes não puderam fazer nada além de aceitar as acusações. Nomearam uma comissão que investigou a fazenda de Le Jeune e confirmou o testemunho dos escravos. A comissão encontrou de fato as duas mulheres trancafiadas e acorrentadas, ainda vivas, mas com as pernas e cotovelos em decomposição; uma delas tinha o pescoço tão dilacerado por uma argola de ferro que não conseguia sequer engolir. Le Jeune insistia que eram culpadas pelos envenenamentos que havia tanto tempo vinham devastando a sua fazenda, e como prova forneceu uma caixa apanhada em posse das mulheres. Isto, ele disse, contém veneno. Mas, quando a caixa foi aberta, descobriram que não continha nada além de tabaco comum e fezes de rato. A defesa tornou-se impossível e, quando as duas mulheres morreram, Le Jeune desapareceu bem a tempo, antes de ser levado para a prisão. O caso estava esclarecido. Na audiência preliminar, os quatorze negros repetiram as acusações que fizeram anteriormente, palavra por palavra. Contudo, sete brancos restremunharam a favor de Le Jeune e

dois de seus ajudantes absolveram-no de todas as acusações. Os colonistas de Plaisance encaminharam uma petição ao Governador e ao intendente em proveito de Le Jeune e exigiram que a cada um dos escravos fossem dadas cinquenta chibatadas por tê-lo denunciado. A Câmara Agrícola de Le Cap pediu que Le Jeune fosse simplesmente banido da colônia. Setenta colonistas do Norte impetraram uma petição parecida e o Círculo de Filadélfia, um centro cultural de São Domingos, recebeu uma solicitação para que fosse feita uma representação em proveito de Le Jeune. O pai de Le Jeune encaminhou um mandado de intervenção contra um dos investigadores oficiais cujas provas ele impugnou. “Resumindo”, escreveram o Governador e o intendente ao ministro, “parece que a segurança da colônia depende da absolvição de Le Jeune”. Dependia, se os escravos fossem mantidos no seu próprio lugar. Os juízes, após inúmeros adiamentos, deram um veredicto contrário; as acusações foram declaradas nulas e sem efeito e o caso foi encerrado. O promotor público teve de requerer um apelo perante o Conselho Supremo de Porto Príncipe, a capital oficial da ilha. Todos os brancos de São Domingos ergueram-se em armas. O intendente nomeou o membro mais velho do Conselho como relator, imaginando que ele pudesse assegurar que a justiça fosse feita. Mas no dia do julgamento, temendo uma condenação, ele próprio se ausentou, e o Conselho mais uma vez absolveu Le Jeune. O Governo local podia aprovar as leis que bem entendesse. A São Domingos branca não toleraria nenhuma interferência nos seus métodos de manter os escravos em ordem.

Era esse o problema a ser resolvido.

Esperanças vindas dos colonistas não havia. Na França, o liberalismo continuava sendo uma aspiração e a “curadoria”, sua folha de parreira, era ainda desconhecida. Mas na maré do humanitarismo que subia na revolta da burguesia contra o feudalismo, Diderot e os enciclopedistas atacavam a escravidão. “Deixemos as colônias serem destruídas antes que nos tornemos a causa de tantos males”, dizia a *Encyclopédie*²⁰ em seu artigo sobre o comércio de escravos. Mas reis ímpetos nem antes e nem então produziram muito efeito. Qualquer ataque verbal contra a escravidão provocava a mofo dos

¹⁹ DE VAISSIÈRE, p. 186-8.

²⁰ *Encyclopédie*: publicação francesa da era do Iluminismo, e sua obra principal, dirigida por D’Alembert e Diderot, contou com a colaboração de vários pensadores do século XVIII. (N. do T.)

observadores, que nem sempre era injusta. Os seus autores eram comparados a médicos que, em vez de receitar um remédio a um paciente, maldiziam a doença que o consumia.

Mas entre esses oponentes literários à escravidão havia um que, nove anos antes da queda da Bastilha, clamava por uma revolução de escravos com a apaixonada convicção de que era certo que ela viria para libertar a África e os africanos um dia. Era um religioso, o padre Raynal, e ele pregou a sua doutrina revolucionária na *História filosófica e política dos estabelecimentos e do comércio dos europeus nas duas Índias*. Era um livro famoso em sua época e foi parar nas mãos do escravo mais apto a fazer uso dele: Toussaint L'Ouverture.

“A liberdade natural é o direito que a natureza proporcionou para todos disporrem de si mesmos de acordo com a sua própria vontade.”

“O escravo, um instrumento nas mãos da perversidade, está abaixo do cachorro que os espanhóis soltaram contra os povos americanos.”

“Essas verdades são eternas e memoráveis: os fundamentos de toda a moral, a base de todos os governos; poderão ser contestadas? Sim!”

E a passagem mais conhecida:

“Se apenas o interesse pessoal predomina entre as nações e os seus senhores, é porque um outro poder existe. A natureza fala em sons mais fortes do que a filosofia ou do que o interesse pessoal. Já existem duas colônias estabelecidas de negros fugitivos onde a força e os tratados protegem-nas de serem tomadas. Esses relâmpagos anunciam o trovão. Um comandante corajoso é tudo de que precisam. Onde está esse grande homem que a Natureza deve aos seus molestrados, oprimidos e atormentados filhos? Onde está? Ele aparecerá, não duvidem! Ele apresentar-se-á erguendo o estandarte da liberdade. Esse venerável sinal reunirá em torno dele os companheiros dos seus infortúnios. Mais impetuosos do que as torrentes, eles deixarão em todas as partes a marca indelével do seu justo ressentimento. Em todas as partes, as pessoas abençoarão o nome do herói que terá restabelecido os direitos da raça humana; em todas as partes, erguerão troféus em sua homenagem”.

Toussaint leu a passagem inúmeras vezes: “Um comandante corajoso é tudo de que precisamos. Onde está?”. Um comandante corajoso era preciso. É da tragédia dos movimentos de massa que eles necessitam, mas apenas

raramente conseguem encontrar a liderança adequada. Contudo, era preciso muito mais do que isso.

Os homens fazem a sua própria história. E os jacobinos negros de São Domingos fariam a história que mudaria o destino de milhões de homens e o curso econômico de três continentes. Todavia, se é possível aproveitar uma oportunidade, não é possível criá-la. O comércio de escravos e a escravidão estavam firmemente entrelaçados à economia do século XVIII. Três forças: os proprietários de São Domingos, a burguesia francesa e a burguesia inglesa prosperaram sobre a devastação de um continente e a brutal exploração de milhões de seus habitantes. Enquanto essas forças se mantivessem em equilíbrio, o tráfico demoníaco prosperaria; e assim teria continuado até os dias de hoje. Mas nada, por mais lucrativo que seja, dura para sempre. Desde que o seu próprio desenvolvimento ganhou ímpeto, os fazendeiros das colônias e as burguesias francesa e britânica passaram a gerar pressões internas e a intensificar as rivalidades externas, dirigindo-se cegamente para conflitos e explosões que despedaçariam as bases do seu domínio e criariam a possibilidade da emancipação.